

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Art RODRIGO DA SILVA TERRA

**O papel das Forças Armadas da China no atual cenário
de rivalidades entre potências na região Ásia-Pacífico**



Rio de Janeiro
2019

Maj Art RODRIGO DA SILVA **TERRA**

O papel das Forças Armadas da China no atual cenário de rivalidades entre potências na região Ásia-Pacífico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Orientador: Ten Cel Inf Marcos Luiz da Silva Del Duca

Rio de Janeiro
2019

T323p Terra, Rodrigo da Silva

O papel das Forças Armadas da China no atual cenário de rivalidades entre potências na região Ásia-Pacífico. / Rodrigo da Silva Terra —2019.

59 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Marcos Luiz da Silva Del Luca

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

Bibliografia: f. 57- 59

1. CHINA – FORÇAS ARMADAS 2. ÁSIA-PACÍFICO - RIVALIDADES 3. EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO POPULAR I.Título.

CDD 355.4

Maj Art RODRIGO DA SILVA **TERRA**

O papel das Forças Armadas da China no atual cenário de rivalidades entre potências na região Ásia-Pacífico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em 21 de novembro de 2019.

COMISSÃO AVALIADORA

Marcos Luiz da Silva Del Duca - TC Inf - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Leandro Mendes da Costa - TC Cav - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Rogério Gomes Marques - TC Inf - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

A minha amada mãe e a meu amado falecido
pai, fontes de inspiração e exemplo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor dos Exércitos, na pessoa do Senhor Jesus Cristo, pela saúde, força, proteção e provisão dispensadas por graça a mim, renovando-me em entusiasmo e persistência na realização desse honrado trabalho.

Ao meu orientador, TC Del Duca, pelos apontamentos, apreciações, ensinamentos, apoio moral e experiências transmitidos, essenciais ao aprimoramento deste trabalho de pesquisa.

À minha mãe, Ana Lúcia, pelo amor infinito, pelas orações incessantes, pelas palavras de afeto e motivação, pelos aconselhamentos de força e de fé, que me impulsionaram a seguir em frente com ânimo forte.

“Todos podem ver as táticas de minhas conquistas, mas ninguém consegue discernir a estratégia que gerou as vitórias.” (Sun Tzu)

RESUMO

O pós-Guerra Fria propiciou o surgimento de novas relações políticas, diplomáticas, econômicas e militares no continente asiático, com destaque para a região Ásia-Pacífico. Esse cenário revelou a ascensão de novas potências regionais dentre as quais destaca-se a China por sua pujança econômica sustentada pela política interna austera centralizada pelo Partido Comunista Chinês (PCC), desde as duas últimas décadas do século passado. Nesse sentido, a China lançou-se na busca da manutenção de seus objetivos nacionais que abrangem questões econômicas, territoriais, diplomáticas e a própria segurança nacional. A partir do início do século XXI, a consolidação da República Popular da China (RPC) como potência econômica emergente fomentou o dinamismo da modernização das Forças Armadas Chinesas que recebem a denominação de Exército de Libertação Popular (ELP). A necessidade de militarização da China decorreu da cobiça de outros países da Ásia-Pacífico manifesta nas disputas por territórios, rotas comerciais, segurança internacional e questões ligadas à competição pela hegemonia regional. Tais fatores contribuíram para a construção de um cenário de instabilidade na região Ásia-Pacífico entre a China e as potências que atuam nessa área geográfica como os Estados Unidos da América, Japão, Taiwan, Coreia do Sul, Malásia, Vietnã e Indonésia. Dessa forma, o Partido Comunista Chinês aprimorou a estratégia militar da RPC, reestruturou e modernizou o ELP e estabeleceu política externa voltada para a conquista dos interesses de Pequim na Ásia-Pacífico. A militarização da área atrai a atenção da Sociedade Internacional na medida que os impasses políticos, diplomáticos e econômicos esboçam claro potencial de conflito militar entre países detentores de Forças Armadas poderosas. Essa conjuntura denota a relevância do papel do ELP na defesa dos objetivos nacionais da República Popular da China, que tem buscado sua inserção como protagonista na região.

Palavras-chave: Forças Armadas; China; rivalidade; potências; Ásia-Pacífico; Exército de Libertação Popular.

ABSTRACT

The post-Cold War led to the emergence of new political, diplomatic, economic and military relations in Asia, with emphasis on the Asia-Pacific region. This scenario has revealed the rise of new regional powers, among which China stands out for its economic strength sustained by the austere domestic policy centralized by the Chinese Communist Party since the last two decades of the last century. In this sense, China has embarked on the pursuit of its national objectives covering economic, territorial, diplomatic, and national security issues. From the beginning of the 21st century, the consolidation of the People's Republic of China as an emerging economic power has fostered the dynamism of the modernization of the Chinese Armed Forces, which is known as the People's Liberation Army (PLA). China's need for militarization stemmed from the greed of other Asia-Pacific countries manifested in disputes over territories, trade routes, international security, and issues related to competition for regional hegemony. These factors contributed to the construction of a scenario of instability in the Asia-Pacific region between China and powers operating in this geographical area such as the United States of America, Japan, Taiwan, South Korea, Malaysia, Vietnam and Indonesian. The Chinese Communist Party improved the PRC's military strategy, restructured and modernized the PLA, and established foreign policy aimed at winning Beijing's interests in Asia-Pacific. The militarization of the area attracts the attention of the International Society as political, diplomatic and economic questions sketch clear potential for military conflict between countries with powerful military forces. This situation indicates the relevance of the PLA's role in the defense of the national objectives of the People's Republic of China, which has sought its insertion as a protagonist in the region.

Keywords: Armed forces; China; rivalry; powers; Asia-Pacific; People's Liberation Army.

LISTA DE ABREVIATURAS

A2/AD	Anti-Access/Area Denial
ADIZ	Air Defense Identification Zone
ASBMs	Anti-Ship Ballistic Missiles
ASCMs	Anti-Ship Cruise Missiles
ASEAN	Association of Southeast Asian Nations
ELP	Exército de Libertação Popular
C4I	Command, Control, Communications, Computers and Intelligence
EUA	Estados Unidos da América
GLCM	Ground-Launched Cruise Missile
ICBMs	Intercontinental Ballistic Missiles
MBRM	Medium-Range Ballistic Missile
PCC	Partido Comunista Chinês
PLA	People's Liberation Army
RPC	República Popular da China
SBRM	Short-Range Ballistic Missile
SS	Diesel-Powered Attack Submarine
SSBN	Nuclear-Powered Ballistic Missile Submarine
SSN	Nuclear-Powered Attack Submarine
TI	Tecnologia da Informação
ZEE	Zona Econômica Exclusiva

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Soldado chinês utilizando fuzil lançador de granada de 20mm.....	21
Figura 2 – Sistema de obus autopropulsado engajando alvos simulados.....	22
Figura 3 – Submarino tipo 039-A.....	24
Figura 4 – Porta aviões chinês.....	24
Figura 5 – Aeronave J-31.....	26
Figura 6 – Aeronave J-20.....	26
Figura 7 – Força de Mísseis da China.....	27
Figura 8 – O DF-26 em uma parada militar.....	28
Figura 9 – Corpo de Polícia Armada de Henan em exercício de combate.....	30
Figura 10 – Forças de reserva resgatam pessoas de inundações em Bijie.....	31
Figura 11 – Região Ásia-Pacífico.....	37
Figura 12 – O ELP em operação conjunta nas águas da ilha de Taiwan.....	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	PROBLEMA.....	14
1.2	OBJETIVOS.....	15
1.2.1	Objetivo geral	15
1.2.2	Objetivos específicos	15
1.3	HIPÓTESE.....	15
1.4	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	16
1.5	RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	16
2	METODOLOGIA	18
3	AS FORÇAS ARMADAS DA CHINA	20
3.1	ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS CHINESAS.....	20
3.1.1	Exército	20
3.1.2	Marinha	22
3.1.3	Força Aérea	25
3.1.4	Força de Foguete	27
3.1.5	Força de Apoio Estratégico	29
3.1.6	Força de Polícia Armada	30
3.1.7	Força de Reserva	31
3.2	A ESTRATÉGIA MILITAR CHINESA.....	31
3.2.1	Premissas e tarefas estratégicas	32
3.2.2	Setores críticos para a estratégia nacional chinesa	34
4	O CENÁRIO DE RIVALIDADES NA ÁSIA-PACÍFICO.....	37
4.1	AS DISPUTAS PELAS ILHAS SPRATLY E PARACEL.....	37
4.2	AS DISPUTAS NO MAR DO LESTE COM O JAPÃO	38
4.3	A QUESTÃO DE TAIWAN.....	39
4.4	A POSSIBILIDADE DE CONFRONTO ENTRE RPC E INDONÉSIA.....	40
4.5	A NAVEGAÇÃO NO MAR DO SUL DA CHINA.....	41
4.6	A GUERRA COMERCIAL ENTRE A RPC E OS EUA.....	42
4.7	A QUESTÃO DA SEGURANÇA INTERNACIONAL.....	43
5.	A ATUAÇÃO DO ELP NO ATUAL CENÁRIO DA ÁSIA-PACÍFICO	45
5.1	AS AÇÕES DO ELP NAS QUESTÕES TERRITORIAIS	45

5.2	O ELP NAS QUESTÕES ECONÔMICAS NA ÁSIA-PACÍFICO.....	47
5.3	O ELP COMO INSTRUMENTO DE PROJEÇÃO DE PODER.....	49
6	CONCLUSÃO	54
	REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará o papel das Forças Armadas da China no atual cenário de rivalidades entre potências na região geográfica conhecida como Ásia-Pacífico.

O protagonismo da República Popular da China na região Ásia-Pacífico tem-se intensificado no cenário internacional, com visível projeção de poder nas relações entre esse país e as demais potências que manifestam interesses antagônicos nessa área. Nesse sentido, as Forças Armadas chinesas ganham relevância na região ao defender os interesses do governo de Pequim.

A região Ásia-Pacífico compreende a área geográfica banhada pelo Oceano Pacífico ocidental. O espaço físico que compõe o cenário de rivalidades que se pretende estudar neste trabalho é composta por uma porção do Sul, do Sudeste, parte do Sudoeste e do Leste da Ásia, sendo limitado pela Rússia ao Norte, pela Malásia a Sudoeste, pela Indonésia ao Sul, pelo Japão a Leste, por Taiwan a Sudeste e pelo Vietnã a Oeste. Nas décadas que sucederam a Guerra Fria, essa região revestiu-se de indiscutível relevância, fruto do advento da globalização que dinamizou o fluxo de pessoas, mercadorias, capital e informações para os países asiáticos.

Nos últimos vinte anos, a China vem passando por um período de intenso desenvolvimento econômico que tem fomentado a modernização de suas Forças Armadas e o aumento de seu poderio bélico (FUMOTO, 2018). Com isso, a busca pela hegemonia chinesa na região contrasta com os interesses de outras potências em um cenário de rivalidade motivada pela ânsia de poder e influência.

Na condição de país emergente, “A China percorreu também a trajetória mais complexa, indo de uma antiga civilização¹, passando por um império clássico², daí para a revolução comunista³ até atingir o status de uma grande potência moderna...” (KISSINGER, 2014, p.215).

¹ Sociedade milenar de cultura, valores e tradições arraigadas e baseadas no confucionismo, filosofia que engloba política, religião, cultura e moral, dentre outras áreas.

² “Conhecida como Império do Meio”, a China evidenciou, em vários períodos da história, habilidade ímpar de exportar seus valores culturais e institucionais para outros povos e nações, zelando para que o Império Chinês perdurasse ao longo dos tempos.

³ Revolução ocorrida na China em 1949, decorrente da guerra civil entre nacionalistas e comunistas chineses que transcorria desde 1927, e culminou com a vitória e consequente ascensão do Partido Comunista Chinês ao poder, resultando na fundação da República Popular da China, dirigida por Mao-Tsé-Tung sob regime político caracterizado por forte dominação sobre o povo, a economia e a política.

A partir dos últimos anos do século passado, a adoção do socialismo de mercado possibilitou à China dinamizar a instalação de empresas multinacionais em seu território, impulsionando a produção e a comercialização de produtos industrializados para o mercado global, alçando-a ao patamar de maior exportadora do mundo (ATUALIDADES, 2018, p.55). Esse fato integrou-a ao rol dos países protagonistas na economia do cenário internacional.

Atualmente, as disputas econômicas e por territórios estratégicos empurram as potências do Pacífico para uma corrida armamentista e conflitos diplomáticos de grande complexidade. Nesse aspecto, as tensões podem escalar crises a ponto de induzirem a China, os Estados Unidos da América (EUA) e a Rússia a protagonizarem uma “Nova Guerra Fria”⁴, uma vez que as questões envolvidas revelam pontos de difícil entendimento entre os países (TAUHATA, 2018).

Diante desse cenário de disputa por soberania, mercados e áreas estratégicas, a China imergiu em um clima de tensão envolvendo potências regionais como EUA, Rússia, Japão, Coreia do Sul, Indonésia, Taiwan, Filipinas, Malásia e Vietnã. Em face dessa ameaça aos seus interesses nacionais, passou a empregar as Forças Armadas nas questões territoriais, ao mesmo tempo em que intensificou a campanha nacionalista em torno das ilhas em disputa nos mares da China Meridional e da China Oriental (CUNHA, 2013, p.188).

A China tem utilizado a expressão militar para a projeção de poder na Ásia-Pacífico. Segundo Crane (2005, p.24), as Forças Armadas chinesas têm passado por notável processo de modernização com o intuito de responder às ameaças internas e externas de forma rápida, manter presença marítima sustentada e obter capacidade de negação de área aos Estados rivais.

Assim, as Forças Armadas chinesas constituem um ator internacional relevante no atual cenário de conflitos entre as potências na região, com grande influência no jogo de poder mundial.

1.1 PROBLEMA

Diante do quadro exposto, verifica-se uma ascendência da China nas questões geopolíticas da região Ásia-Pacífico por intermédio da expressão militar

⁴ O termo é utilizado para designar cenário possível de conflito militar entre os EUA e a China devido ao agravamento da guerra comercial e à tensão ligada à militarização da Ásia-Pacífico pelas duas grandes potências na região.

do poder. Nas últimas décadas, os investimentos do governo chinês na área de defesa têm atraído a atenção das potências rivais na região, influenciando as relações internacionais entre elas.

A modernização das Forças Armadas da China e a militarização da Ásia-Pacífico apontam para a importância estratégica da região. Mais do que isso, revelam antagonismos em um cenário de rivalidades entre as potências na busca pela influência regional.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso será desenvolvido em torno do seguinte problema: qual o papel das Forças Armadas da China na região Ásia-Pacífico, no atual cenário de rivalidades que interfere no jogo de poder no cenário internacional?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 **Objetivo geral**

Estudar as ações militares da China no atual cenário de rivalidades entre potências na região Ásia-Pacífico.

1.2.2 **Objetivos específicos**

- a. Delimitar as questões geopolíticas e as potências da região Ásia-Pacífico;
- b. Analisar as razões do protagonismo da China na região Ásia-Pacífico;
- c. Estudar as ações das Forças Armadas da China no atual cenário de rivalidades da região Ásia-Pacífico;

1.3 HIPÓTESE

As Forças Armadas da China desempenham papel fundamental no atual cenário de rivalidades entre potências na região Ásia-Pacífico por meio da projeção de poder militar na área, tendo como objetivos reforçar a sua soberania nacional, atender aos seus interesses nacionais e assumir o protagonismo regional.

1.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Do ponto de vista cronológico, a pesquisa abrangerá como marco temporal o pós-Guerra Fria, no período que vai do ano de 1991 até os dias atuais. Esse lastro temporal abrange a guinada da China na economia global da fase inicial da adesão ao socialismo de mercado até sua consolidação como potência econômica global, que influenciou significativamente no desenvolvimento da expressão militar do poder.

Quanto ao espaço a ser estudado, a pesquisa abordará o território da China e além-mar, abrangendo a região geográfica conhecida como Ásia-Pacífico, enfatizando a sua importância geoestratégica. No que tange às potências rivais no cenário internacional, a pesquisa restringirá as questões geopolíticas às relações da China com a Coreia do Sul, os EUA, as Filipinas, a Indonésia, o Japão, a Malásia, a Rússia, Taiwan e o Vietnã.

No que diz respeito ao tema central do presente trabalho de pesquisa, buscar-se-á analisar as Forças Armadas da China como grande ator internacional detentor de papel decisivo no atual cenário de rivalidades na região Ásia-Pacífico. Tal aspecto será abordado por meio do estudo da organização das Forças Armadas chinesas, que recebem a denominação de Exército de Libertação Popular (ELP), e na Estratégia Militar chinesa, visando ao entendimento das ações militares da grande potência emergente na região.

1.5 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Essa pesquisa consiste em produção de literatura sobre a relevância do papel das Forças Armadas da China no atual cenário das rivalidades entre as potências da região Ásia-Pacífico.

As disputas territoriais e as rixas a nível econômico e diplomático entre potências têm fomentando forte clima de tensão na Ásia-Pacífico, afetando a segurança regional. Tal fato é motivado pelas competições por ilhas, por rotas marítimas e por mercados e pelas divergências entre as políticas monetárias e comerciais envolvendo a China, os EUA, o Japão, a Coreia do Sul, a Rússia e os países da ASEAN, dentre outros (CUNHA, 2013, p.29).

No campo econômico, verifica-se como principal foco de instabilidade na região Ásia-Pacífico a guerra comercial travada entre as principais potências que atuam na região. Sendo os EUA e a China os protagonistas da economia global, a manifestação de fortes interesses regionais antagônicos prenunciam uma “Nova Guerra Fria” na área econômica, porém com potencial de promover uma escalada militar (TAUHATA, 2018).

Assim, essas questões políticas e econômicas levaram o governo de Pequim a incrementar os gastos com a defesa, impulsionando a modernização das Forças Armadas da China. Esse quadro de instabilidade sinaliza a relevância dessa área geográfica na atualidade e o seu potencial conflitivo, requerendo da China a manutenção de poder militar compatível com o desafio a ser superado.

2 METODOLOGIA

O presente estudo será realizado, predominantemente, por meio de pesquisa bibliográfica, pois, seguindo a taxionomia de Vergara (2009), será fundamentado pela análise de livros, revistas, publicações e redes eletrônicas acessíveis ao público em geral.

Buscar-se-á, ainda, a realização de pesquisa qualitativa no intuito de contemplar o conhecimento que valorize a visão geopolítica acerca do papel das Forças Armadas da China no atual cenário de rivalidades na região Ásia-Pacífico, buscando a compreensão do panorama atual dessa área geográfica.

Ademais, realizar-se-á, por meio deste estudo, pesquisa explicativa, buscando a o levantamento dos motivos que justificam o cenário de rivalidades entre as potências na região da Ásia-Pacífico e os fatores que contribuem para a ascensão das Forças Armadas da China nesse contexto.

O estudo em tela terá como um dos universos selecionados as Forças Armadas da China, que serão analisadas quanto à atuação no cenário de rivalidades na região Ásia-Pacífico. A amostra a ser estudada será do tipo não probabilística e classificada por tipicidade, composta apenas pelas forças que compõem o Exército de Libertação Popular, a saber (Exército, Marinha, Força Aérea, Força de Foguete e Força de Apoio Estratégico), a partir das características de seus elementos constituintes como fontes de poder militar terrestre, naval, aeroespacial e estratégico.

Outro universo a ser estudado será a região geográfica da Ásia-Pacífico. A amostra a ser estudada será do tipo não probabilística e classificada por tipicidade, composta pelas principais potências envolvidas em questões geopolíticas e econômicas relacionadas à China na região, a saber: Coreia do Sul, Estados Unidos, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, Rússia, Taiwan e Vietnã.

Seguindo a sistemática preconizada pelo Departamento de Pesquisa e Pós-graduação (Exército) (2012), a coleta de dados deste Trabalho de Conclusão de Curso realizar-se-á por meio da coleta na literatura, procedendo-se a uma pesquisa bibliográfica nas obras disponíveis, tais como livros, periódicos, artigos, publicações, trabalhos acadêmicos e rede de computadores.

O levantamento de dados será feito por meio de criteriosa pesquisa, leitura analítica e seleção de fontes fidedignas concernentes ao tema objeto de estudo, em

sítios eletrônicos e nos acervos disponíveis nas bibliotecas do Sistema de Educação do Exército.

Ainda conforme Departamento de Pesquisa e Pós-graduação (Exército) (2012), o método de tratamento de dados adotado no presente estudo será a análise de conteúdo. Por meio desse método, realizar-se-ão estudos de textos e documentos que permitam a fundamentação da análise que responda ao problema proposto neste trabalho que consiste na relação entre as Forças Armadas da China e o atual cenário de rivalidades entre potências na região Ásia-Pacífico.

Com relação à metodologia empregada no presente estudo, a limitação encontrada durante sua produção reside na impossibilidade de se conferir exatidão aos dados referentes à quantidade e aos custos concernentes aos investimentos, armamentos e equipamentos das Forças Armadas da China, uma vez que o país em tela vive sob regime político fechado e tais informações podem vir a constituir segredo de Estado.

No entanto, a confiabilidade das fontes bibliográficas elencadas e o foco maior nos fatos por meio da abordagem qualitativa deste estudo possibilitarão a construção de conhecimento verossímil e a consecução dos objetivos propostos no presente Projeto de Pesquisa.

3. AS FORÇAS ARMADAS DA CHINA

As Forças Armadas da China são denominadas Exército de Libertação Popular (ELP). Elas são diretamente subordinadas ao Partido Comunista Chinês (PCC) (FUMOTO, 2017).

A visão do governo chinês para o século XXI estabelece como missões precípua do ELP garantir a defesa nacional, os princípios basilares da Revolução Comunista de 1949 e as modernizações conduzidas pelo PCC, objetivando a busca do protagonismo pela República Popular da China no cenário internacional (LOBO, 2007, p.15).

Segundo Fumoto (2017), em setembro de 2015, o presidente da China Xi Jinping anunciou uma redução no número do efetivo das Forças Armadas em 300 (trezentos) mil militares. No entanto, o ELP continua se mantendo no topo entre todas as forças militares internacionais e possui o segundo maior orçamento de defesa do mundo. Atualmente, o ELP é a força militar de maior efetivo em todo o globo, contando com aproximadamente 2,3 milhões de pessoas.

3.1 ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS CHINESAS

As Forças Armadas chinesas são compostas pelo Exército, Marinha, Força Aérea, Força de Foguete, Força de Apoio Estratégico, Força Policial Armada e Força de Reserva (MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2019). O ELP é atualmente composto pelas cinco primeiras: Exército, Marinha, Força Aérea, Força de Foguete e Força de Apoio Estratégica (FILHO, 2017, p.19).

3.1.1 Exército

A missão da força terrestre do ELP compreende operações de manobra, defesa fronteiriça e costeira e forças de guarnição (MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2019).

Atualmente, o Exército chinês passa por um processo de modernização e aperfeiçoamento do emprego. Segundo Gabinete de Informação do Conselho de Estado da República Popular da China (2015), a força terrestre tem como metas

futuras inovar seu sistema de prontidão para combate, os sistemas de armas combinadas e o apoio operacional sistematizado, visando à execução de manobras ágeis e resposta efetiva a uma possível agressão à República Popular da China.

Dentro de uma sistemática de inovação e aparelhamento, o Exército chinês, nos últimos anos, resolveu equipar as tropas de Forças Especiais com armas de combate de alta tecnologia como pistolas de tiro de canto e fuzis de assalto lançador de granada como o QTS 11, chamado “rifle estratégico”. Dotado de sistema digitalizado de mira e posicionamento, esse armamento representa um exemplo dos modernos vetores que conferem maior poder de combate ao soldado chinês, potencializando a operacionalidade do Exército do ELP (MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2019).



Figura 1 – Soldado chinês utilizando fuzil lançador de granada de 20mm

Fonte: disponível em http://eng.chinamil.com.cn/view/2019-01/09/content_9400035.htm

Desde 2015, a força terrestre chinesa tem passado por notável processo de reestruturação de suas divisões e brigadas de combate, dotando-as de alta mobilidade por meio da mecanização. Ademais, tem mantido o desenvolvimento dos sistemas de artilharia sob lagartas e rodas, canhões de defesa antiaérea e sistema de busca de alvos (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2016, p.33). Tais capacidades inserem a China no rol de países com forte poder de combate em âmbito regional e global, fortalecendo o poder do Partido Comunista Chinês na garantia da manutenção dos interesses nacionais da RPC.



Figura 2 – Sistema de obus autopropulsado engajando alvos simulados.

Fonte: disponível em <http://eng.chinamil.com.cn/armed-forces/army.htm>

Ainda seguindo o projeto de reestruturação das unidades terrestres, o exército reestruturou os batalhões orgânicos das brigadas de armas combinadas visando à obtenção da capacidade de operar de forma descentralizada. Com isso, esses batalhões se tornaram a unidade tática básica da força terrestre chinesa para desencadear operações conjuntas (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p.31).

As medidas de reorganização das unidades do exército supracitadas revelam a intenção do ELP de tornar a força terrestre mais flexível, móvel e capaz de obter maior integração às outras forças quando da atuação em operações conjuntas. Tal evolução confere ao exército do ELP o desenvolvimento da capacidade de atuar no combate complexo da atualidade, caracterizado por cenários incertos e voláteis.

3.1.2 Marinha

A marinha do ELP é a base da China para operações no mar, com a missão precípua de salvaguardar sua segurança marítima e manter sua soberania sobre os mares territoriais, garantindo, ainda, seus direitos e interesses marítimos (MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2019).

Segundo Cunha (2013, p.195-196), a marinha chinesa tem aumentado a sua capacidade de combate e de projeção naval, capaz de ir além da primeira linha de ilhas do estratégico “cordão de pérolas”, que se estende do Sul do Japão, passando por Taiwan e indo até as Filipinas. Para tal, nos últimos anos, a marinha chinesa foi reforçada com navios de reabastecimento e de desembarque. Atualmente, possui em sua frota modernos destroyers 052 D Luyang II, de tecnologia similar à norte-americana, aptos para realizarem as suas missões nos mares da periferia da China.

O século XXI tem protagonizado a marcante presença da marinha chinesa na Ásia-Pacífico, em particular no Mar do Sul da China. Atualmente, o ELP possui o maior efetivo de embarcações de combate da Ásia. Ademais, o país tem incrementado a construção de bases navais como a unidade instalada na ilha de Hainan, facilitando a navegação de submarinos e o domínio das rotas comerciais pela RPC (CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISA BRICS, 2011, p.3).

Assim, a RPC realiza projeção de poder militar e apresenta-se como potência marítima de grande pujança comercial, o que lhe confere ascendência na Ásia-Pacífico. Por outro lado, manifesta o compromisso de garantir a segurança das águas oceânicas que banham seu território.

O atual foco da reestruturação da marinha chinesa reside no aumento da frota de sua força submarina. Atualmente, o ELP possui cerca de quatro submarinos dotados de mísseis balísticos movidos a energia nuclear (SSBN), seis submarinos para emprego em ataques nucleares (SSN) e cinquenta submarinos de ataque convencionais (SS), com previsão de crescimento significativo da frota previsto para o ano de 2020. (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p.35).

A pujança da marinha chinesa confirma a relevância do seu poder naval para a manutenção da soberania chinesa na região Ásia-Pacífico. Suas embarcações alavancam o poder de combate do ELP ao promoverem o desenvolvimento das capacidades ofensiva e defensiva da China nos mares.



Figura 3 – Submarino tipo 039-A

Fonte: disponível em <https://estrategiaglobal.blog.br/2018/07/submarino-chines- tipo039a-com-propulsao-aip-bate-recordes.html>

A marinha chinesa teve seu poder de combate aumentado com a construção de seu primeiro porta-aviões, Liaoning, em 2017. As plataformas navais permitem ao ELP transportar e lançar aeronaves de asa fixa, desencadeando operações de combate a partir dos oceanos, o que aprimora a capacidade da defesa costeira e potencializa o alcance do poder de combate da força aérea do ELP (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p. 60). Em consequência, verifica-se o fortalecimento do ELP na região Ásia-Pacífico, favorecendo o protagonismo da China nas questões econômicas e geopolíticas atuais.



Figura 4 – Porta aviões chinês

Disponível em <https://exame.abril.com.br/mundo/china-apresenta-primeiro-porta-avioes- fabricado-no-pais/>

3.1.3 Força Aérea

A força aérea do ELP é a base do país para as operações aéreas, com a missão precípua de prover a segurança aérea territorial e a manutenção de uma postura de defesa aérea estável em todo o país. É composta principalmente pelas armas de aviação, defesa aérea do solo, radar, aerotransportada e contramedidas eletrônicas (MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2019).

Dentro da concepção da atual estratégia militar chinesa, a força aérea mudará gradualmente de foco, objetivando realizar, simultaneamente, a defesa aérea do território e o ataque, e renovará a estrutura de defesa aeroespacial visando à execução de operações informatizadas. Ademais, tem como metas ampliar suas capacidades para alerta estratégico precoce, ataque e defesa aérea e de mísseis, contramedidas de informação, operações embarcadas, projeção estratégica e apoio amplo (GABINETE DE INFORMAÇÃO DO CONSELHO DE ESTADO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2015).

A força aérea chinesa ocupa posição de destaque na Ásia e no mundo. Atualmente, ela é a maior em efetivo do continente e a terceira do mundo, equipada com aeronaves do tipo caça, bombardeiros estratégicos, bombardeiros táticos, multimições táticas e aeronaves de ataque (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p.40). Portanto, a adequação das aeronaves à tecnologia da comunicação e informação alçaram a China ao patamar de potência aérea na região Ásia-Pacífico, o que lhe confere poder de decisão nas questões geopolíticas atuais.

Nesse aspecto, ainda segundo Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (2019, p.57), a força aérea do ELP contempla projetos ambiciosos de produção de aeronaves de quinta geração, como o modelo FC-31 (J-31) dotado de grande desempenho de manobra, modernos radares, equipamentos aviônicos avançados, capacidade de segmentação e sistemas de guerra eletrônica integrados. Com isso, pretende-se agregar valor à frota de aeronaves de gerações anteriores, por meio da aquisição e do desenvolvimento de aeronaves de maior requinte tecnológico.



Figura 5 – Aeronave J-31

Fonte: disponível em <https://www.defesaaereanaval.com.br/geopolitica/1-700-avioes-prontos-para-combate-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-forca-aerea-chinesa>.

Dentre eles, merecem destaque o modelo Chengdu J-20, importado pela RPC em 2017, de grande velocidade, autonomia e capacidade de carregar armas pesadas (DEFESA AÉREA E NAVAL, 2018). Logo, pode-se inferir que a aquisição de novas unidades dessa aeronave representa uma tendência da renovação da força aérea do ELP, consolidando a inserção da força aérea chinesa no rol das grandes potências aéreas do mundo.



Figura 6 – Aeronave J-20

Disponível em <https://www.defesaaereanaval.com.br/geopolitica/1-700-avioes-prontos-para-combate-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-forca-aerea-chinesa>

Nesse contexto, constata-se que a RPC intenciona obter a superioridade aérea na região Ásia-Pacífico como forma de preservar seus interesses nacionais no que

tange à soberania territorial e à manutenção dos interesses nos mares que a permeam. Portanto, a modernização da força aérea do ELP confere notável poder dissuasório à RPC nas questões geopolíticas regionais.

3.1.4 Força de Foguete

A força de foguete é fundamental para a dissuasão estratégica da China. É o principal responsável por dissuadir outros países a não usar armas nucleares contra seu território e por viabilizar a realização de contra-ataques nucleares e ataques de precisão com mísseis convencionais (MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2019).

Desde o início desta década, o governo chinês tem realizado pesados investimentos na força de foguetes do ELP. Assim, a China vem dinamizando a modernização e a produção de mísseis balísticos e armas nucleares, com o aprimoramento seus mísseis balísticos intercontinentais baseados em silo (ICBMs), além do incremento de mais sistemas de entrega móvel (MINNICK, 2013). Logo, é possível constatar o grande poder de fogo agregado ao ELP a partir da reestruturação da artilharia de foguetes da China, bem como seu potencial dissuasório na região Ásia-Pacífico.

Nas palavras do porta-voz do Ministério da Defesa da China, Yang Yujun, a força de foguete é relevante porque:

Como um núcleo de dissuasão estratégica, a força de foguete assume responsabilidades importantes de salvaguardar a segurança nacional e suportar a implementação das estratégias do país, o que desempenha um papel indispensável na defesa militar (DEFESANET, 2016).

China's Missile Forces			
System	Missiles	Launchers	Estimated Range*
ICBM	75-100	50-75	5,400-13,000+ km
MRBM	200-300	100-125	1,500+ km
SRBM	1,000-1,200	250-300	300-1000 km
GLCM	200-300	40-55	1,500+ km

Note: Estimates reflect the PLA's ongoing modernization of its missile forces and in some cases may have increased.

Figura 7 – Força de Mísseis da China

Fonte: OFFICE OF THE SECRETARY OF DEFENSE (2016)

Na atual conjuntura, a força de foguete prioriza os programas balísticos terrestres e mísseis de cruzeiro capazes de prover a defesa das áreas costeiras da

RPC. Seguindo essa visão operacional, o ELP tem incentivado a produção de Mísseis Balísticos de Curto Alcance (SBRM), como o CSS-11; Mísseis de Cruzeiro Lançados em Terra (GLCM), como CJ-10; e Mísseis Balísticos de Médio Alcance (MBRM), como o CSS-5 (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p.44). Portanto, pode-se visualizar a permanente concepção de manutenção da soberania nacional por parte do Partido Comunista Chinês, por meio da mobilização de forte sistema de artilharia de mísseis e foguetes com poder de fogo para engajar alvos dentro do território da RPC e além-mar.

De acordo com Ministério da Defesa Nacional da República Popular da China (2019), a força de foguete do ELP celebrou a inauguração de poderoso míssil balístico DF-26 como mais novo modelo a ser incorporado nas brigadas. Esse míssil tem como inovações a capacidade de armazenar ogivas nucleares e convencionais, além de engajar alvos terrestres e marítimos com precisão, dentro de alcance intermediário.

Esse fato confirma a forte militarização da RPC e a consolidação de seu poder de combate, o que proporciona capacidade dissuasória na Ásia-Pacífico dentro do atual cenário de rivalidades.



Figura 8 – O DF-26 em uma parada militar

Disponível em http://eng.chinamil.com.cn/view/2018-04/18/content_8007463.htm

3.1.5 Força de Apoio Estratégico

A força de apoio estratégico é um novo tipo de força de combate destinada a manter a segurança nacional e um importante ponto de incremento das capacidades de combate do ELP (MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2019).

De acordo com as palavras do porta-voz do Ministério da Defesa da China, Yang Yujun, por ocasião do anúncio da criação dessa nova Força em 2016, atesta-se que:

A Força de Apoio Estratégico faz parte da reforma militar modernizadora, sendo uma nova força de combate e possuindo fortes capacidades estratégicas e de suporte. Essa nova unidade ajudará a otimizar a estrutura militar chinesa (DEFESANET, 2016).

Criada no último dia do ano, a força de apoio estratégico teria, supostamente, as missões de supervisionar as capacidades espaciais e cibernéticas do ELP (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2016, p.3). A despeito das poucas definições a respeito dessa força, é possível compreender, diante das informações supracitadas, a relevância do suporte tecnológico e informacional a serem disponibilizados ao ELP nas operações militares visualizadas pelo PCC como primordiais para o aprimoramento do poder de combate da RPC.

Tal diretriz é comprovada pelas palavras do especialista militar Song Zhongping quando aponta a necessidade de manutenção da segurança cibernética e espacial da China, no trecho donde se extrai que:

O estabelecimento da Força de Apoio Estratégico mostra a visão da liderança chinesa de construir uma força militar que possa enfrentar os desafios não apenas da guerra tradicional, mas também da nova guerra centrada na nova tecnologia (MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2019).

A criação da força de apoio estratégico é um catalisador do desenvolvimento da indústria bélica chinesa e da inserção do ELP na era do conhecimento, por meio da revolução do setor cibernético. Ademais, o aprimoramento da tecnologia espacial chinesa é um fator de sua representatividade no grupo de potências militares asiáticas e globais possuidora de tecnologia de ponta, o que certamente influenciará o cenário geopolítico na Ásia-Pacífico no século XXI.

3.1.6 Força de Polícia Armada

Segundo Ministério da Defesa Nacional da República Popular da China (2019), as principais missões da força de polícia armada, em tempo de paz, são a execução de tarefas de guarda, lidar com emergências, combater o terrorismo e participar e apoiar o desenvolvimento econômico nacional. Em tempo de guerra, essa força é encarregada de auxiliar o ELP em operações defensivas.

O foco da força de polícia armada consiste na segurança e na estabilidade internas. Para isso, a partir de 2018, essa força alocou algumas unidades nos 31 (trinta e um) contingentes provinciais, transferindo outras unidades para dois novos contingentes móveis que não possuem uma área geográfica de responsabilidade, com o intuito de obter maior interoperabilidade com as outras forças do ELP (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p. 52).

Nesse sentido, observa-se que a RPC adota a concepção defensiva de seu território em tempos de paz, mantendo-se capaz de atuar de maneira sinérgica em qualquer ponto do território da RPC. Assim, a força de polícia armada constitui em um elemento imprescindível para a manutenção da soberania do país.



Figura 9 – Corpo de Polícia Armada de Henan em exercício de combate.

Fonte: disponível em http://eng.chinamil.com.cn/view/2016-12/28/content_7426806_4.htm.

3.1.7 Força de Reserva

Ainda de acordo com Ministério da Defesa Nacional da República Popular da China (2019), a força de reserva é uma organização armada composta por pessoas não liberadas de seu serviço regular. Atua como assistente e força de apoio do ELP, guardando a missão de participar do setor de modernização socialista, prestando apoio à prontidão de combate e operações defensivas, auxiliando na manutenção da ordem social e participando de operações de resgate e assistência emergencial.



Figura 10 – Forças de reserva resgatam pessoas de inundações em Bijie.

Fonte: disponível em http://eng.chinamil.com.cn/view/2016-07/01/content_7222969.htm

Dessa forma, a força de reserva constitui um vetor de fortalecimento do PCC na busca da estabilidade e da coesão da RPC. Com a defesa do ideal socialista, contribui para a consolidação da China dentro do modelo “um país, dois sistemas”.

3.2 A ESTRATÉGIA MILITAR CHINESA

O conhecimento da estratégia militar chinesa serve de base para a compreensão do papel do ELP no atual cenário de rivalidades entre as potências na Ásia-Pacífico.

3.2.1 Premissas e tarefas estratégicas

De acordo com Filho (2017, p.18), essa estratégia está alicerçada no modo chinês de entender a segurança nacional, primando pela busca do desenvolvimento pacífico e de uma política externa contrária ao expansionismo, com a conquista da hegemonia por meio de uma concepção defensiva. Divide-se em seis capítulos, por meio dos quais descreve as finalidades das Forças Armadas chinesas.

O primeiro capítulo abrange a relevância estratégica da região Ásia-Pacífico e a sua vitalidade para a segurança nacional da China. Essa assertiva é confirmada no trecho que ressalta "...a crescente importância geoestratégica da região da Ásia-Pacífico e a competição internacional nos campos econômico, científico-tecnológico e militar" (FILHO, 2017, p.18). Assim, pode-se entender que a região representa a prioridade do governo chinês em todos os campos do poder nacional.

O segundo capítulo aborda, dentre outros assuntos, as missões e as tarefas estratégicas das Forças Armadas chinesas dentro da concepção estratégica defensiva. Nesse sentido, estabelece que o ELP é responsável por garantir a construção de um país "socialista poderoso, democrático, culturalmente avançado e harmonioso" (FILHO, 2017, p.19).

De acordo com Gabinete de Informação do Conselho de Estado da República Popular da China (2015), ao ELP compete principalmente o cumprimento das seguintes tarefas estratégicas:

- Fazer frente a amplo quadro de emergências e ameaças militares e salvaguardar efetivamente a soberania e a segurança da terra, do mar e do ar territoriais da China;
- Salvaguardar resolutamente a unificação da terra-mãe;
- Salvaguardar a segurança e os interesses da China em novos domínios;
- Salvaguardar a segurança dos interesses da China no exterior;
- Manter a contenção estratégica e levar a efeito contra-ataques nucleares;
- Participar na cooperação regional e internacional de segurança comum e manter a paz regional e mundial;
- Aprofundar esforços em operações contra infiltração, separatismo e terrorismo, e para manter a segurança política e a estabilidade social da China;
- Executar tarefas como resgate de emergência e alívio humanitário em desastres, proteção de direitos e interesses, deveres de guarda e suporte ao desenvolvimento econômico e social nacional.

Nesse contexto, verifica-se o caráter prático desse capítulo no sentido de atuação do ELP nas questões internas e externas da China. Desse modo, as Forças Armadas tornam-se cruciais para a manutenção da paz na Ásia-Pacífico.

O terceiro capítulo embasa a premissa básica da estratégia militar defensiva chinesa, consubstanciada no pressuposto de que “O ELP não atacará a menos que seja atacado. Mas certamente contra-atacará se atacado” (FILHO, 2017, p.20). Dessa forma, atesta-se o compromisso das Forças Armadas chinesas de zelar pela segurança e pela soberania nacionais.

No quarto capítulo, o autor descreve as ações estratégicas a se realizar para desenvolver as Forças Armadas chinesas. Tem como pontos básicos a necessidade de a China possuir uma marinha moderna em condições de defender seus direitos e conquistar seus objetivos navais, bem como o desenvolvimento do espaço cibernético para impulsionar o desenvolvimento econômico e social, além do incremento da defesa nacional (FILHO, 2017, p.21). Assim, constata-se a intenção do governo chinês de incrementar o poderio naval e o desenvolvimento de tecnologia crítica por meio das Forças Armadas.

O quinto capítulo da estratégia militar chinesa trata do preparo para a hipótese de emprego real das Forças Armadas. Por meio do treinamento e da simulação do combate, é possível atingir o objetivo do conflito que se traduz como a “... atividade básica de uma Força Armada para garantir a paz: controlar crises e vencer as guerras.” (FILHO, 2017, p.22). Portanto, o documento expressa a necessidade de manutenção de alto nível de adestramento e prontidão do ELP para garantir a segurança do país.

O sexto e último capítulo projeta o potencial cooperativo da China no plano internacional. Nesse contexto, estabelece como objetivo estratégico do país:

Desenvolver uma cooperação militar com outras nações, relação esta que não implicará em alianças, não buscará confrontos e não será dirigida contra nenhuma terceira parte. De acordo com o documento, estas ações buscarão a construção de mecanismos de segurança e de desenvolvimento de confiança mútua (FILHO, 2017, p. 22).

Com base no exposto, verifica-se um esforço do governo chinês para desenvolver relações internacionais amistosas e dirimir a possibilidade de conflitos. Essa intenção reforça a concepção defensiva da estratégia chinesa, por meio da busca de soluções pacíficas para os problemas decorrentes das relações com outros países.

A estratégia militar chinesa é baseada nas três percepções de ameaça elencadas pelo ELP, enunciadas no trecho onde lê-se que:

Os estrategistas militares chineses enfatizam consistentemente a necessidade de manter a existência de três “condições” para a China sobreviver e prosperar. Em ordem de importância, as três condições são: unidade nacional, estabilidade e soberania. As percepções de ameaças do PLA e o planejamento estratégico são amplamente informados pela necessidade de manter essas três condições (CRANE, 2005, p.192).

Seguindo as percepções supramencionadas, constata-se que a RPC persegue seus interesses nacionais por intermédio do fortalecimento do Estado, liderado pelo Partido Comunista Chinês. Logo, as premissas da estratégia militar chinesa impõem a criação de um Estado militarmente forte, tendo nas Forças Armadas seu maior instrumento de garantia dos objetivos nacionais da China.

Nesse sentido, levando em consideração os pressupostos e as tarefas estratégicas descritas na estratégia militar chinesa supramencionada, buscar-se-á analisar as formas de atuação do ELP diante das questões geopolíticas que provocam instabilidade entre potências na região Ásia-Pacífico.

3.2.2 Setores críticos para a estratégia militar chinesa

A estratégia militar chinesa considera a guerra eletrônica uma área vital para a conquista da vitória militar no combate, prevendo seu amplo emprego no Exército, na Marinha e na Força Aérea. Para tal, baseia-se em frequências de rádio, radar, ópticas, infravermelhas e micro-ondas, bem como modernos sistemas de informações e comunicações. A finalidade reside na utilização do espectro magnético para neutralizar as comunicações inimigas, negando-lhe o acesso às informações das tropas amigas, tanto em operações ofensivas quanto defensivas (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2016, p.65).

Diante da estratégia acima mencionada, deduz-se que as forças do ELP estão inseridas na era do conhecimento. A capacidade de transmitir e compartilhar informações, o domínio de complexos sistemas de interceptação e interferência e a capacidade de integração entre as funções de combate por meio de modernos equipamentos de comunicações garantem o sucesso nas operações de amplo espectro que caracterizam o combate atual, o que qualifica a China como potência militar na Ásia-Pacífico.

Nos últimos anos, a RPC tem buscado incrementar suas capacidades nucleares estratégicas, visando à obtenção de força nuclear mais sustentável e confiável. Esse processo está sendo desencadeado pela implantação e gradativa produção de novos tipos de mísseis e de combustível sólido dotados de precisão confiável e de tempo de preparação menor do que os modelos anteriores (CRANE, 2005, p.202).

Dessa forma, o ELP busca desenvolver a capacidade de dissuasão nuclear como forma de prover a negociação diplomática no mesmo nível das potências nucleares regionais e mundiais da atualidade. A posse de armamento nuclear confere peso político à China nos Organismos Internacionais, constituindo fator de liderança mundial, especialmente no que tange aos seus interesses na Ásia-Pacífico.

Na última década, a China tem agregado tecnologia ao ELP para fins de provisão da segurança nacional. Seguindo o conceito de negação de acesso/ negação de área (A2/AD), tem-se buscado desenvolver os setores nuclear, cibernético, espacial e guerra eletrônica como forma de desencadear operações para projeção de poder capazes de dissuadir outros Estados e dirimir a possibilidade de intervenções estrangeiras (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p.31).

Outro setor crítico para a consecução da estratégia militar chinesa é o da Tecnologia da Informação (TI). Segundo Crane (2005, p.183), esse setor baseia-se em um ramo da indústria civil que possui forte ligação com o estabelecimento da base industrial de defesa da China e da inserção do ELP na era da informação. A TI é diretamente responsável pelo desenvolvimento da infraestrutura C4I (Comando, Controle, Comunicações, Computadores e Inteligência) chinesa.

Com relação ao setor cibernético, a China tem buscado o desenvolvimento dessa tecnologia para atender à concepção defensiva de sua estratégia militar. Tal iniciativa tem por finalidade a utilização de forças cibernéticas para deter ciberataques, manifestando capacidade coercitiva devido ao alto poder de destruição das armas cibernéticas, as quais encerram plena capacidade de desativar redes militares e civis, interferindo em uma campanha militar e na economia de um Estado (POLLPETER, 2015, p.149-150).

Portanto, percebe-se a evolução tecnológica da indústria bélica do ELP como fator crucial para a estratégia militar chinesa de manter forças armadas poderosas em condições de projetar poder na região Ásia-Pacífico. Assim, a RPC iniciou o século

XXI com o propósito de se lançar como potência detentora de tecnologia de ponta com fins de prover a manutenção dos seus interesses nacionais.

Atualmente, a China busca adaptar-se ao combate moderno caracterizado por ambiente complexo e dinâmico por meio da manutenção e da modernização do C4I. Com isso, pretende aprimorar a capacidade de emitir pronta-resposta diante de situações complexas e compartilhar informações de forma célere e eficiente (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p. 63).

Logo, pode-se deduzir que o Partido Comunista Chinês promove o desenvolvimento de setores críticos da indústria bélica do ELP para a hipótese de eventual conflito armado na Ásia-Pacífico. Tal ação visa a mitigar a possibilidade de a RPC sofrer derrota militar por falta de poder de combate, a exemplo do que ocorreu em campanhas passadas nos séculos XIX e XX.

4 O CENÁRIO DE RIVALIDADES NA ÁSIA-PACÍFICO

O cenário de rivalidades na região Ásia-Pacífico envolve questões geopolíticas que abrangem disputas territoriais, competição comercial e projeção de poder nessa área geográfica. Nesse sentido, essa área tem sido alvo da atenção das potências asiáticas em busca da satisfação de seus interesses políticos e econômicos.



Figura 11 – Região Ásia-Pacífico

Fonte: disponível em <http://www.ieee.es/en/regiones-geopoliticas/asia-pacifico/>

4.1 AS DISPUTAS PELAS ILHAS SPRATLY E PARACEL

As disputas territoriais e por rotas marítimas envolvem interesses antagônicos no Mar do Sul da China, opondo o governo chinês e os de países como Taiwan, Malásia, Filipinas, Vietnã, Indonésia, dentre outros. As principais ilhas em litígio são as Ilhas Spratly e as Ilhas Paracel, consideradas estratégicas devido ao potencial de exploração de petróleo e gás.

Nesse sentido, a RPC reivindicou junto à Comissão das Nações Unidas sobre os Limites da Plataforma Continental, em 2009, a soberania sobre essas ilhas, afirmando possuir direitos e jurisdição sobre as águas relevantes com base na “linha de nove traços”⁵. Com isso, tem encontrado oposição de Brunei, Filipinas, Malásia, Vietnã e Taiwan, que, em todo ou em parte, reivindicam iguais direitos sobre as ilhas

⁵ Essa linha demarca os territórios sobre os quais a China alega ter o direito à soberania, com base na presença histórica de pescadores chineses na região desde a época imperial.

(DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2016, p.51).

O Vietnã ocupa militarmente algumas das ilhas Spratly, desde 1973. As Filipinas reclamam a maioria dessas ilhas e a China, por sua vez, intensificou as patrulhas nos seus arredores, a partir de 2012. (CUNHA, 2013, p.199).

Ainda conforme Cunha (2013, p.199), as ilhas Paracel, hoje ocupadas pela China, são alvos de disputa com o Vietnã desde 1974, ano em que esses países travaram sangrento combate no mar pela posse dessas ilhas. A intenção de aumentar o controle sobre as ilhas por parte do governo chinês tornou-se ainda mais latente com a criação de um comando militar, em 2012. Atualmente, essas ilhas constituem sede de uma das mais importantes bases aeronavais do ELP.

A ascensão econômica da China por intermédio do setor comercial e industrial tem demandado maior necessidade por recursos energéticos e mercados. Assim, o domínio dessas ilhas e águas constituem objetivo nacional da RPC, por meio da utilização da expressão militar do poder.

Nesse aspecto, permanece a possibilidade de agravamento do quadro de instabilidade, o que pode levar à eclosão de conflito armado entre a China e os demais países reivindicantes.

4.2 AS DISPUTAS NO MAR DO LESTE COM O JAPÃO

A China e o Japão protagonizam outro foco de tensão na Ásia-Pacífico, lutando pelo controle das Ilhas Senkaku/Diaoyu. A disputa pelas ilhas envolve a China, o Japão, a Coreia do Sul e Taiwan, interessados nos recursos naturais do arquipélago.

Sob controle do governo japonês, as Ilhas Senkaku constituem palco de confrontos regulares entre a guarda-costeira japonesa e pescadores chineses, o que levou a China a militarizar o Mar Oriental (CUNHA, 2013, p.187). Portanto, a disputa pelo arquipélago induz as duas potências regionais à rivalidade com potencial de configuração de grave crise diplomática que pode evoluir para eventual conflito militar.

A China reivindica a soberania das Ilhas Senkaku que, atualmente, são administradas pelo Japão. Nessa disputa, os Estados Unidos não se manifestam sobre a soberania das ilhas; no entanto, afirmam que elas constituem um dos termos do Tratado de Cooperação Mútua com o Japão (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p.71).

Assim, constata-se que o acordo militar entre os EUA e o Japão como instrumento de garantia da administração da ilha pode levar a um agravamento das tensões com a China a respeito da posse desses territórios. Em consequência, pode-se visualizar um agravamento do cenário de instabilidade na região do mar do Leste.

Ademais, as reservas de petróleo, gás natural e hidrocarbonetos atraem a atenção da China e do Japão, gerando disputas pelo domínio das águas do Mar do Leste. Os dois países reivindicam áreas referentes às respectivas Zonas Econômicas Exclusivas (ZEE) e plataformas continentais que se sobrepõem em alguns pontos do Pacífico, acarretando acusações mútuas de violação ao direito alheio (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2016, p. 51).

Com a crescente militarização dos dois países e a possibilidade de recrudescimento do impasse geopolítico, essa questão contribui para o agravamento do atual cenário de rivalidades na região Ásia-Pacífico. Com isso, o governo chinês tem priorizado como uma das vertentes de sua política externa com o Japão a discussão sobre as disputas em tela.

4.3 A QUESTÃO DE TAIWAN

A questão do territorial entre Taiwan e a RPC representa outro componente do cenário de rivalidades da região Ásia-Pacífico.

Desde a fundação da República da China, após a derrota do partido nacionalista pelo partido comunista na Revolução de 1949, Taiwan é considerada pelo Partido Comunista Chinês uma província renegada pela RPC. Portanto, sua reintegração constitui questão de soberania e coesão nacional do Estado. (KISSINGER, 2012, p.66 e104).

A questão da anexação de Taiwan representa um dos maiores desafios à soberania da China, constituindo um dos objetivos permanentes do governo de Pequim. O quadro de instabilidade devido ao potencial conflitivo pode depreender-se do trecho a seguir:

A RPC não abdica da tentativa de recuperação do território para os seus domínios de soberania, admitindo uma solução “não pacífica”, mantendo Taiwan um estatuto de Estado não reconhecido – uma das mais intrincadas temáticas do direito internacional (CUNHA, 2013, p.208).

Desde a fundação da República da China até os dias atuais, Taiwan recebe apoio militar dos EUA, importando armamentos e tecnologia bélica. De acordo com Kissinger (2012, p.303), a opinião dos governantes chineses aponta para o fato de que Washington não defende a independência de Taiwan, tampouco a reunificação da China, pretendendo tornar a ilha sua área de influência no continente asiático e aliado estratégico ao permitir utilizar seu território como um “porta-aviões insubmersível”.

Nesse contexto, a China opõe-se enfaticamente à intromissão dos EUA na questão de Taiwan, considerando-a uma questão política interna. Esse impasse contribui para o acirramento das tensões na região Ásia-Pacífico, com potencial conflitivo entre a RPC e Taiwan, podendo atrair a participação norte-americana e a geração de questão militar de grandes proporções.

Diante dos fatores supramencionados, pode-se inferir que a questão de Taiwan, com a influência dos EUA, contribuiu para a mudança na distribuição global do poder militar em direção à Ásia. Tal fato tem levado a China a realizar gastos expressivos no setor de defesa para modernização do ELP:

A modernização militar chinesa é decorrente dos seguintes fatores contextuais: ameaças externas (independência de Taiwan e a atuação dos EUA na Ásia), ambiente estratégico e planejamento contingencial (EIRIZ, 2017. p.43).

4.4 A POSSIBILIDADE DE CONFRONTO ENTRE A RPC E A INDONÉSIA

A despeito de não fazer parte do rol de países envolvidos nas questões territoriais mais críticas no Mar do Sul da China, a Indonésia protagoniza um foco de tensão com esse país. A instabilidade gira em torno das Ilhas Natuna, sob controle do governo de Jakarta.

O conflito na área ocorre devido à decisão unilateral do governo chinês de incluir partes das Ilhas Natuna na “linha de nove traços” da China, integrando-a ao rol dos territórios reivindicados por Pequim. Essa medida encontra forte oposição do governo de Jakarta, que a considera dentro de sua própria ZEE. A região tem valor estratégico por constituir aglomerado de 272 (duzentos e setenta e duas) ilhas, com um valor estimado de 1,3 trilhões de metros cúbicos de gás natural (HARDY; RAHMAT, 2014, p.12)

Segundo Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (2018, p.12), constata-se que, embora a Indonésia não esteja no rol de países que reivindicuem soberania no Mar do Sul da China, seu governo se opõe à sobreposição de sua ZEE à linha de nove traços da RPC. Tal fato gera um impasse diplomático entre os países.

Nesse sentido, a despeito das relações aparentemente amistosas entre os dois países, pode-se notar a escalada militar dos governos de Pequim e Jakarta nessas águas. Tal impasse tem potencial para agravar o cenário de rivalidades entre as potências na região.

4.5 A NAVEGAÇÃO NO MAR DO SUL DA CHINA

Outra vertente do cenário de instabilidade e rivalidade na Ásia-Pacífico é a importância estratégica do Mar do Sul da China. Sua importância econômica e geopolítica tem fomentado a rivalidade entre as potências asiáticas.

As rotas de comércio marítimo, as atividades pesqueiras e a abundância de recursos energéticos conferem a essas águas um alto valor geopolítico regional e global (FUMOTO, 2018). Dessa forma, a competição pelo domínio das rotas comerciais ocupa posição de destaque na agenda internacional das potências que atuam na região.

Para a China, o mar do Sul tem grande importância no que tange à sua autonomia energética. Em 2018, grande parte do petróleo, do gás natural e dos hidrocarbonetos importados pelo país transitaram pelas rotas marítimas do Mar Meridional, o que demonstra a relevância dessas águas para a RPC (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p.12). Nesse sentido, compreende-se a necessidade de militarização da região pela atuação do ELP como forma de garantir os interesses econômicos da China em face da cobiça das demais potências.

Os interesses comerciais chineses na Ásia-Pacífico confrontam a liderança econômica norte-americana. Os EUA possuem papel ativo no atual eixo comercial centrado nos países dessa região, o que demanda liberdade de navegação nas águas do mar do Sul. Em consequência, encontra franca oposição da China, que alega precedência histórica na região e estabelece a “linha de nove traços” abordada anteriormente como ferramenta de reivindicação de sua soberania na área.

Diante desse quadro, constata-se que a definição de liberdade de navegação no mar do Sul pelos dois países representa um ponto de tensão a ser resolvido a fim de se obter relações diplomáticas de cooperação entre as potências (KISSINGER, 2012, p.320). Portanto, a parceria comercial e diplomática entre a RPC e os EUA constituem um ponto crucial para mitigar a possibilidade de agravamento do cenário de rivalidades na região Ásia-Pacífico.

4.6 A GUERRA COMERCIAL ENTRE A RPC E OS EUA

A competição econômica entre a RPC e os EUA representa um dos principais focos de rivalidade na região Ásia-Pacífico. Desde a abertura da China ao capital estrangeiro nas últimas décadas do século passado, as diferenças entre as políticas monetárias dos dois países listaram-se entre os principais pontos de discórdia nas relações comerciais. Nos últimos anos, a competição reverteu-se em guerra comercial entre as duas superpotências.

O impasse consiste na defesa de estratégias comerciais divergentes. Os EUA acusam a China de manipulação monetária por meio de adoção de baixo valor do Yuan para favorecer as empresas chinesas, desbancando as norte-americanas do mesmo setor. Em contrapartida, a China considera o desenvolvimento da indústria nacional por meio de uma política monetária voltada para a economia doméstica um fator primordial para a estabilidade política (KISSINGER, 2012, p.309).

Por outro lado, as rixas comerciais têm girado em torno das sanções norte-americanas impostas às empresas de alta tecnologia da China, com a adoção de severas taxas de importação a seus produtos. Nessa conjuntura, destacam-se as restrições excessivas do governo norte-americano à Huawei, acusada de espionagem, embora não haja comprovação do fato. A RPC alega que tal postura dos EUA se deve a uma retaliação com a finalidade de evitar a concorrência das empresas chinesas por sua excelência no ramo (XINRUA, 2019).

A rivalidade entre os EUA e a China, maiores economias do mundo, cria um clima de tensão na região Ásia-Pacífico, podendo acarretar severos prejuízos ao comércio regional e internacional. Logo, a questão comercial entre as duas potências constitui um dos focos de instabilidade da região Ásia-Pacífico.

Segundo Tauhata (2018), a guerra comercial e a guerra cambial entre os EUA e a China podem evoluir para um conflito militar, em uma conjuntura que os estudiosos

classificam como uma “Nova Guerra Fria”. De acordo com a estratégia nacional de segurança divulgada em 2017 pelo governo norte-americano, a RPC foi classificada como rival, competidora e ameaça potencial, o que leva a deduzir a possibilidade de evolução da guerra comercial para conflito armado.

A rivalidade ocorre porque “...a China é não somente a segunda maior economia e a maior exportadora mundial, mas também um dos países que mais investe em orçamento militar, só sendo suplantado pelos EUA”. (CUNHA, 2013, p. 186).

No atual cenário internacional caracterizado pela economia globalizada, os EUA e a China, respectivamente a primeira e a segunda maiores potências econômicas mundiais, constituem mercados interconectados. No entanto, a competição pela liderança de mercados e as diferenças cambiais geram um clima de tensão porque:

A ascensão econômica da China e a crescente interdependência econômica entre Estados Unidos e China transformaram a questão antes obscura numa controvérsia diária, com as frustrações americanas – e as desconfianças chinesas quanto às intenções americanas (KISSINGER, 2012, p.309).

A liderança da China na economia asiática associada à sua presença militar na região Ásia-Pacífico, mais particularmente no mar do Sul, desencadeia a adoção de ações estratégicas na região por parte dos EUA, seu grande rival. Esse ponto de tensão pode ser sintetizado no trecho a seguir:

Quanto mais torna-se forte a economia da China - que promove rapidamente, a atualização de suas Forças Armadas, tanto mais "ativamente" comportam-se os EUA na região, enquanto, já traçam-se as linhas de sua estratégia de confronto, não só no Mar do Sul da China, mas, também, em inúmeros pontos da região (WONG, 2012).

4.7 A QUESTÃO DA SEGURANÇA INTERNACIONAL

Por outro lado, a região Ásia-Pacífico representa uma questão de segurança nacional e internacional para o governo chinês. Seguindo a estratégia militar chinesa citada por Filho (2017, p.19-20), as Forças Armadas chinesas têm como objetivos, dentre outros, salvaguardar a segurança do território, do mar e do espaço aéreo chineses e cooperar com a segurança regional e internacional, garantindo a paz. Logo, o potencial conflitivo na Ásia-Pacífico reside na ameaça constante da

estratégia de rebalço dos Estados Unidos em direção a essa região, fortalecendo sua presença militar e mantendo alianças com países que a compõem.

Nesse aspecto, com o intuito de zelar pela segurança nacional e internacional, a China tem passado por um processo de modernização das Forças Armadas com base na estratégia de se impor em um ambiente permeado por desafios navais e competições emergentes na Ásia-Pacífico. Para isso, o governo chinês tem desenvolvido o ELP no sentido de dotá-lo de recursos tecnológicos avançados para fins de aquisição de capacidades de negação de acesso/ negação de área (A2/AD), buscando barrar a projeção militar dos EUA na região por meio da criação de cordões de contenção para os norte-americanos e seus aliados pelo ar, pelo mar e pela terra (NURKIN, 2014, p.30).

Outra vertente atual da segurança internacional na região Ásia-Pacífico diz respeito ao ambiente cibernético. Tal assertiva é contextualizada no trecho donde extrai-se que:

A cibersegurança tornou-se uma das principais questões no Pacífico Asiático, assim como no mundo inteiro. A China procura coordenar com todos os outros progressistas forças para assegurar o uso pacífico das redes e para ajudar a estabelecer uma ambiente cibernético saudável e ordenado (ZHENG, 2015, p.133-134).

Assim, pode-se atestar que as inovações tecnológicas, organizacionais e doutrinárias implementadas pelo PCC nas Forças Armadas chinesas atendem à concepção defensiva da estratégia nacional de manter a segurança territorial e regional. No entanto, a militarização das demais potências na Ásia-Pacífico potencializam a conjuntura de instabilidades.

De acordo com Global Firepower (2019), dentre os dez países asiáticos detentores de maior poder militar, cinco deles abrangem a região Ásia-Pacífico que delimita o espaço abordado nesse trabalho, a saber: Estados Unidos, Rússia, China, Japão e Coreia do Sul. Esses países possuem Forças Armadas de excelente estrutura, além de alto nível de flexibilidade logística e quantidade adequada de recursos naturais e industriais que sustentam seu poder de combate.

Tal fato sinaliza a latente militarização da região, o que intensifica a percepção de ameaça por parte do governo chinês e agrava o cenário de rivalidades na Ásia-Pacífico. Nessa conjuntura, o ELP exerce papel fundamental na manutenção dos interesses chineses na região, por meio de ações que serão abordadas a seguir.

5 A ATUAÇÃO DO ELP NO ATUAL CENÁRIO DA ÁSIA-PACÍFICO

O ELP representa o braço armado do PCC para a projeção de poder da China na região Ásia-Pacífico. Desde o fim da Guerra Fria, o recrudescimento das disputas territoriais, das competições econômicas e dos impasses diplomáticos acerca das rotas marítimas nas águas do Pacífico, constitui fator que levou a RPC a fortalecer a capacidade operacional de suas Forças Armadas com a finalidade de obter respaldo na eventual situação de conflito armado.

5.1 AS AÇÕES DO ELP NAS QUESTÕES TERRITORIAIS

Na última década, a China tem buscado uma postura mais assertiva no que tange às questões territoriais na Ásia-Pacífico. Assim, o emprego da utilização da expressão militar do poder na solução dos conflitos tem comprovado a relevância dessa área para a política externa de Pequim.

Nesse sentido, a RPC anunciou, como forma de determinar seu domínio no espaço sobrejacente às Ilhas Senkaku/Diaoyu, uma zona de identificação de defesa aérea (ADIZ), em novembro de 2013. Por meio desta, intensificou o desencadeamento de operações aéreas no espaço aéreo que se sobrepõe ao ADIZ do Japão, ensejando cerca de 415 interceptações de aviões chineses por parte da força aérea do Japão no ano de 2013 (HARDY; RAHMAT, 2014, p.13).

Tais ações denotam o papel de dissuasão do ELP ao realizar demonstrações de poder com o intuito de coagir o Japão nas disputas pelas ilhas supracitadas. Por meio do poder da força aérea do ELP, o governo de Pequim exhibe seu volumoso poder de combate a ser empregado em um eventual conflito armado resultante desta questão territorial.

De acordo com Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (2019, p.73), em que pese a decisão do tribunal internacional condenando a reivindicação histórica da China sobre o uso do mar do Sul baseada na linha de nove traços, em julho de 2016, o governo de Pequim tem utilizado táticas coercitivas de baixa intensidade por meio do emprego da marinha, lançamento de mísseis de cruzeiro antinavio e mísseis terra-ar de longo alcance, além de bombardeios estratégicos em exercícios de decolagem e aterrissagem para intimidar os países em disputa pelas ilhas, ainda que operando sem a intenção de provocar conflitos.

Dessa forma, no que tange às disputas pelas ilhas Spratly e Paracel, verifica-se a ação efetiva do ELP na intenção de impor a vontade do governo chinês de obter o domínio sobre esses territórios. Torna-se explícito, portanto, o papel de coerção do ELP na busca da solução das questões territoriais da RPC na Ásia-Pacífico.

O ELP exerce papel primordial na defesa dos interesses do PCC na questão territorial de Taiwan. Segundo Ministério da Defesa Nacional da República Popular da China (2019), no corrente ano, a realização de operações conjuntas entre as forças aéreas e navais chinesas em águas a leste da Ilha de Taiwan, com o desencadeamento de operações de reconhecimento e ataque, perseguem o objetivo principal de salvaguardar a soberania, a estabilidade e a integridade do território da RPC.

Outrossim, nos últimos anos, o PCC tem promovido o desenvolvimento e a implantação de novos armamentos para as Forças Armadas baseado em planejamento estratégico de emprego voltado para a hipótese de conflito com Taiwan. Em consequência, o ELP, atualmente, conta com mísseis de cruzeiro de longo alcance, mísseis de cruzeiro de ataque terrestre, sistemas de guerra eletrônica e operações de informação modernizados e desenvolvimento de submarinos e aeronaves de ataque, o que potencializa a capacidade coercitiva da RPC sobre Taiwan (CRANE, 2005, p.202).

Diante do exposto, atesta-se o papel do ELP na manutenção da presença, da mobilização, da coerção e da dissuasão na busca do objetivo nacional chinês de reintegração de Taiwan. Nesse contexto, as Forças Armadas da China atuam em uma vertente paralela à diplomacia praticada junto aos Organismos Internacionais, apresentando-se como uma alternativa viável em caso de conflito na região.



Figura 12 – O ELP em operação conjunta nas águas da ilha de Taiwan

Fonte: disponível em <http://eng.chinamil.com.cn/armed-forces/eastern-theatre-command.htm>

Segundo Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (2016, p.13), o ELP tem utilizado de forma sistemática a tática da coerção de baixa intensidade na solução das questões econômicas e políticas inerentes ao Mar do Sul e Mar do Leste asiáticos. Esse modelo de atuação consiste na manutenção de patrulhas por meio da guarda costeira e da marinha do ELP, visando à intensificação do controle e da presença nas áreas marítimas consideradas vitais para a soberania nacional da RPC. Com essa mobilização, o governo chinês busca, simultaneamente, evitar conflitos com atores externos e prover administração contínua e eficiente nas áreas oceânicas e insulares de seu interesse no Pacífico.

Nesse contexto, pode-se depreender que o ELP atua como elemento estabilizador da região Ásia-Pacífico, cuja atuação por meio das forças navais garantem a preservação do interesse do PCC nos mares da região. Ademais, ao atuarem abaixo do limiar do conflito, evidenciam a intenção de manutenção das vias diplomáticas para os impasses inerentes às áreas e rotas marítimas disputadas.

Seguindo essa premissa, o ELP exerce papel fundamental na busca de solução negociada para questões ligadas às disputas na região Ásia-Pacífico. No que tange aos impasses protagonizados entre a China e a Indonésia, a cooperação entre as Forças Armadas desses países materializada pela venda de mísseis, embarcações de ataque e sistema de gerenciamento de combate de navios chineses à Jakarta em 2014 gerou a formação de sólidas relações econômicas e políticas, contribuindo para o alívio das tensões na região. (HARDY; RAHMAT, 2014, p.12).

Por conseguinte, pode-se comprovar o papel do ELP como ferramenta diplomática na solução dos impasses concernentes às disputas na região Ásia-Pacífico. Ainda que a missão precípua das Forças Armadas da China sejam o emprego da expressão militar do poder em caso de conflito armado, verifica-se o alto potencial cooperativo do ELP ao intermediar a cooperação entre a China e outras potências regionais.

5.2 O ELP NAS QUESTÕES ECONÔMICAS NA ÁSIA-PACÍFICO

Conforme abordado em capítulos anteriores, nos últimos anos, a China tem intensificado sua presença militar nos mares do Sul e do Leste. A busca da

autossuficiência energética constitui um dos pilares da economia da RPC, o que enseja a ação do ELP como garantia dos interesses chineses.

A China possui ZEE de dimensões incompatíveis com seu efetivo populacional, poder militar e grandeza territorial. Tal fato, aliado à escassez de depósitos de hidrocarbonetos em seu território, tem desencadeado a busca do governo de Pequim pelas reservas de petróleo e gás natural presentes em grandes quantidades nos mares do Sul e do Leste, bem como outras reivindicações territoriais, intensificando a presença da RPC na região. (ACIOLI; PINTO; CINTRA, 2007, p.311).

Portanto, verifica-se o papel do ELP, por intermédio da marinha, na realização de patrulhas com fins de fortalecer a presença da China nessa área marítima de alto valor econômico para o país. Por meio de embarcações dotadas de alto grau de tecnologia, a RPC objetiva estabelecer sua influência a fim de garantir a conquista de fontes de recursos energéticos imprescindíveis para a manutenção de sua economia pujante.

Por outro lado, o ELP contribui com o governo chinês na busca da solução pacífica para as disputas que tensionam a região Ásia-Pacífico. De acordo com Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (2019, p.24), o PCC tem intensificado, desde 2018, a participação do ELP em exercícios marítimos bilaterais e multilaterais com os países que compõem a ASEAN como a Malásia, ensejando o estreitamento de laços com as Forças Armadas desses países e a diminuição das tensões ligadas aos interesses econômicos intrínsecos às questões do Mar do Sul da China. Nesse aspecto, atesta-se o papel da marinha do ELP no fortalecimento dos laços diplomáticos entre a RPC e as demais potências da região Ásia-Pacífico.

O interesse pelas grandes reservas petrolíferas do mar do Sul tem impulsionado as atividades de exploração econômica desse vital combustível fóssil para a atividade industrial chinesa, a fim de prover a manutenção do status do país como maior exportador mundial. Para tal, o governo de Pequim, nos últimos anos, tem incrementado o controle sobre essas águas, objetivando manter a liderança comercial na região.

Ademais, conforme abordado no capítulo anterior, a guerra comercial e a guerra cambial com os EUA nas últimas duas décadas têm promovido a presença militar e o conseqüente recrudescimento das tensões entre os dois países na região Ásia-Pacífico, sugerindo o advento de uma “Nova Guerra Fria”. As disputas pelos mercados asiáticos, pelas rotas marítimas comerciais do mar do Sul e as denúncias

norte-americanas de espionagem a empresas por parte do governo chinês abalaram as relações diplomáticas entre as duas superpotências e agravaram o quadro de instabilidade na região.

Nessa conjuntura, a China intensificou a ocupação militar do mar do Sul a partir de 2014, com a construção de ilhas artificiais com a dupla finalidade de viabilizar a exploração de petróleo e o emprego militar. Dessa forma, passa a ameaçar a hegemonia econômica e militar dos EUA (ATUALIDADES, 2018, p.57). Assim, torna-se notável o papel do ELP na conquista e manutenção da hegemonia econômica da China na região Ásia-Pacífico.

Ainda no cumprimento do papel de buscar a hegemonia regional na Ásia-Pacífico, o ELP é responsável por desencadear ações para a negação de área aos EUA. Seguindo Nurkin (2014, p.30), as competições emergentes na região fomentaram o desencadeamento, por parte do governo chinês, de um processo de modernização da marinha do ELP com expectativa de entrar em vigor entre 2025 e 2035, por meio do desenvolvimento de mísseis de cruzeiro anti-navio e mísseis balísticos (ASCMs e ASBMS), com as finalidades de restringir a projeção de poder militar dos EUA na região, obter o domínio marítimo e garantir a estabilidade e a segurança na porção ocidental do Pacífico.

Diante do exposto, percebe-se que o PCC visualiza o emprego de forte poder naval como ferramenta de negação de área aos EUA. Logo, a presença naval do ELP assume o papel primordial de buscar a manutenção dos interesses econômicos da RPC nas águas da região Ásia-Pacífico. Tal assertiva pode ser endossada no trecho a seguir segundo o qual:

A China afirma explicitamente, e todos os outros protagonistas, implicitamente, a opção pela força militar na busca de seus interesses nacionais vitais. Os orçamentos militares vêm sendo aumentados. Rivalidades nacionais, como as do mar do Sul da China e das águas do nordeste da Ásia, em geral têm sido conduzidas com as ferramentas da diplomacia do século XIX; o recurso à força não foi excluído, ainda que seu uso, ao longo dos anos, tenha sido contido, mesmo que a duras penas.” (KISSINGER, p.124-125).

5.3 O ELP COMO INSTRUMENTO DE PROJEÇÃO DE PODER

Nas últimas décadas, a necessidade vital da RPC em obter a hegemonia econômica, política e militar na região Ásia-Pacífico levou seus governantes a desencadear um gradual processo de militarização da área. Nesse sentido, o ELP

tem atuado como instrumento de projeção de poder da potência chinesa nessa área geopolítica.

A percepção de ameaça da China baseia-se na cobiça das potências regionais em afirmar-se na região. A partir de 2010, a China sentiu-se cercada pelos rivais Japão, Coreia do Sul e EUA, países protagonistas de exercícios militares conjuntos no mar do Japão (ACIOLI; PINTO; CINTRA, 2007, p.311). Logo, verifica-se o papel do ELP de contrapor-se à projeção de poder militar das potências rivais da RPC na Ásia-Pacífico.

Nesse contexto, o ELP tem recebido vultosos investimentos visando à aquisição de capacidades para a projeção de poder da RPC. Com base no exposto em Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (2016, p.ii), o ELP tem desenvolvido e testado mísseis balísticos convencionais de curto e médio alcance, além de mísseis de cruzeiro de longo alcance, de ataque terrestre e antinavio. Ademais, tem direcionado seus esforços para o incremento da tecnologia da informação, priorizando a execução de operações ciberespaciais, operações cibernéticas ofensivas e de guerra eletrônica.

Tal fato enfatiza o papel do ELP de projetar o poder militar do governo chinês na região Ásia-Pacífico. Paralelamente, confirma a missão das Forças Armadas de mitigar a possibilidade de consolidação de novo poder hegemônico capaz de confrontar a RPC.

Atualmente, o renascimento do Japão como potência militar oferece risco à hegemonia chinesa na região. Em que pese a parceria econômica entre os dois países, a recente militarização do Japão e a sua aliança militar com os EUA, principal rival da China, são pontos que constituem visíveis ameaças ao governo de Pequim (CRANE, 2005, p.196). Portanto, o ELP reveste-se da missão de sobrepor-se ao poder militar de países e de alianças de potências regionais, garantindo a hegemonia regional chinesa na Ásia-Pacífico.

No que tange à presença militar dos EUA na Ásia-Pacífico, verifica-se o papel do ELP em responder à ameaça representada pelo grande poderio bélico norte-americano. Nos últimos anos, pode-se constatar que a China investiu no desenvolvimento do exército, da marinha e da força aérea do ELP com fins de obter a capacidade de lutar e vencer, em curto prazo, combates regionais de alta intensidade (WINNICK, 2013). Com isso, busca reduzir a influência da superpotência

americana na Ásia-Pacífico, bem como projetar seu poder político e econômico na região.

Por outro lado, o ELP desempenha papel relevante de estabelecimento de aliança com a Rússia na região Ásia-Pacífico. No ano de 2018, a RPC mobilizou cerca de 3200 (três mil e duzentos) militares para participar da operação VOSTOK, realizada na Rússia. O exercício desenvolveu-se por meio de operações de brigada de armas combinadas, operações envolvendo campanhas aéreas, manobras defensivas com a condução de fogos de artilharia e posterior transição para uma contra-ofensiva com apoio de ataque aéreo. A participação da China na VOSTOK 2018 teve por finalidades intensificar a exposição dos oficiais e reforçar laços de amizade no âmbito regional (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019, p.24-25).

Ademais, em Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (2019, p.36 e 57) desde meados da década de 1990, o ELP realizou a aquisição de cerca de 12 (doze) submarinos SS da classe KILO construídas na Rússia, dentre os quais 8 (oito) são capazes de lançar mísseis de cruzeiro antinavio (ASCM). Além disso, em 2018, a RPC iniciou o recebimento do sistema de mísseis russos S-400, dotado de radares sofisticados e capazes de engajar alvos a longos alcances, objetivando o incremento da defesa estratégica do espaço aéreo chinês.

Essa aproximação entre as potências no campo militar sinaliza a busca da China por alianças estratégicas na região, o que aumenta sua força política na conquista de seus interesses na Ásia-Pacífico. Aponta o ELP, ainda, como instrumento de diplomacia e estabilidade entre dois países de extrema influência na região e, simultaneamente, permite a dissuasão com relação às demais potências asiáticas ao exibir forte aparato bélico.

Outrossim, o ELP manifesta-se como instrumento de projeção de poder ao apresentar grande influência na área da educação militar profissional da China. Segundo Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (2019, p.24), atualmente, a China recebe oficiais de alguns países da América Latina, Caribe, países do Sudeste Asiático e das ilhas do Pacífico para cursar a Faculdade de Defesa de Nível Estratégico na Universidade Nacional de Defesa. Ademais, a Academia da Força de Polícia Armada da China recebe militares de muitos países em programas voltados para a manutenção da paz na região, evidenciando as Forças Armadas como valiosa ferramenta da diplomacia militar na Ásia-Pacífico.

Por conseguinte, fica evidenciado o papel do ELP de perseguir o objetivo nacional chinês de prover a segurança da região por meio da formação de alianças no campo militar e na projeção de poder por meio da educação militar profissional. Com isso, aumenta significativamente sua influência política e diplomática na região, o que contribui para a conquista da hegemonia nessa área geográfica vital para o país.

Ainda no que diz respeito à segurança internacional na Ásia-Pacífico, observa-se a atuação do ELP na área cibernética. A relevância econômica e estratégica da região tem fomentado a busca pela segurança nos espaços físicos da terra, do mar, do ar e, mais especificamente no século XXI, no ciberespaço. Com isso, o advento da guerra cibernética tem levado o exército das potências da região a desenvolverem suas armas cibernéticas com o propósito de vencerem o desafio de manterem-se preparadas para esse novo espectro do combate e proverem a estabilidade da região (ZHENG, 2015, p.124).

Nesse contexto, desde o início do século XXI, a China constitui-se em uma grande potência com notável influência na segurança cibernética na região Ásia-Pacífico. Esse protagonismo é baseado na sua pujança econômica, bem como no seu potencial cooperativo dispensado a muitos países em questões de segurança como o contraterrorismo, a não-proliferação nuclear, o crime transnacional e as questões ambientais. Assim, a RPC visualiza a construção de um ambiente de cooperação, tendo como pontos principais o envolvimento de todas as potências regionais na manutenção da estabilidade regional, evitando a formação de um poder dominante e a redução de barreiras nas comunicações (POLLPETER, 2015, p.133-134).

Logo, verifica-se o papel do ELP, por meio da força de apoio estratégico, de adquirir e manter a capacidade de contribuir para a segurança cibernética da região Ásia-Pacífico, visando à preservação dos interesses geopolíticos chineses na região. Para tal, atua como instrumento de projeção de poder no ciberespaço com fins de cooperar para a solução do dilema da segurança na região.

Outrossim, a força de apoio estratégico do ELP assume papel relevante na disputa por influência na Ásia-Pacífico protagonizada pela China e pelos EUA, superpotências regionais no século XXI. Segundo Pollpeter (2015,141-143), em que pese a superioridade do poder de combate convencional dos EUA, em uma hipótese de guerra, a RPC poderia valer-se da concepção da defesa ativa e aplicar a iniciativa das ações por meio do desencadeamento de operações ofensivas cibernéticas para desarticular os sistemas de informação norte-americanos e obter superioridade de

informação, no contexto de guerra assimétrica. Tal linha de ação permitiria a adoção de um solução tempestiva para uma guerra de curta duração, o que contornaria o fator de fraqueza consubstanciada na reduzida capacidade bélica da RPC frente às Forças Armadas estadunidenses.

Assim sendo, constata-se que o ELP busca manter a capacidade de atuar decisivamente na projeção de poder regional por meio de operações cibernéticas, buscando reduzir a influência do poderio bélico dos EUA na Ásia-Pacífico. Em consequência, serve de instrumento para afirmação da China como potência hegemônica na região, desejosa de ampliar sua liderança entre os países dessa área geográfica.

6 CONCLUSÃO

O ELP representa a expressão do poder militar do PCC na manutenção dos objetivos nacionais da China e na busca de seus interesses políticos e econômicos. Nos últimos anos, o governo chinês tem realizado vultosos investimentos nas Forças Armadas, visando ao incremento de seu poderio bélico para a projeção do poder na Ásia.

Com o fim da Guerra Fria, o incremento das relações comerciais de natureza global e o desenvolvimento da economia dos países da Ásia-Pacífico possibilitaram a criação de um novo eixo econômico nessa região, promovendo a ascensão da China como maior potência asiática e sua inserção protagônica a nível mundial. Dessa forma, a militarização da RPC representou a principal vertente da pujança econômica do país, transformando o ELP em pilar de sustentação dos interesses políticos e econômicos chineses na região.

Nesse contexto, infere-se que a rivalidade entre a China e os EUA representam o maior fator de instabilidade na região Ásia-Pacífico. A disputa por rotas comerciais no mar do Sul e pela liderança nas questões ligadas à segurança internacional entre os dois países provocou o acirramento das demonstrações de poder das duas potências por meio do emprego do poder militar. Com esse intuito, a RPC tem dinamizado a construção de bases navais nas águas do Pacífico e intensificado o número de exercícios e operações militares na região, evidenciando a capacidade de projetar poder a nível regional com fins de contribuir para a manutenção da hegemonia no continente asiático.

No que tange às questões territoriais, a China tem adotado postura mais assertiva na consecução dos seus objetivos nacionais. Seguindo a premissa da adoção da “linha dos nove traços”, o ELP tem realizado manobras de intimidação e ocupação estratégica de pontos sensíveis da região Ásia-Pacífico visando à obtenção de efeito dissuasório nas reivindicações das Ilhas Spratly, Paracel e Senkaku junto às demais potências asiáticas, acarretando o agravamento da instabilidade da região cujo desfecho pode ser a eclosão de conflito armado.

Em relação à questão de Taiwan, a RPC permanece inflexível na manutenção do objetivo nacional de reintegração do seu território, promovendo contestações

diplomáticas em organismos internacionais e franca oposição ao governo de Taipei, que recebe o apoio militar dos EUA. Por conseguinte, o ELP desempenha papel de proteção dos objetivos nacionais do PCC ao desencadear manobras militares no espaço aéreo e naval adjacente à Taiwan, sinalizando a irredutibilidade de Pequim nessa disputa secular com forte potencial de conflito armado.

A estratégia militar chinesa embasa a atuação do ELP na política externa do país. Atualmente, ela assenta-se em três pilares fundamentais: unidade nacional, estabilidade e soberania. Nesse intuito, o Partido Comunista Chinês estabeleceu a concepção estratégica militar defensiva, focando na segurança do território, dos mares e do espaço aéreo sobrejacente do país. Ademais, rege o papel do ELP na defesa dos interesses da RPC no exterior, induzindo à manutenção de força terrestre, marítima e aérea capazes de prover respaldo militar em situações de conflitos motivados por disputas territoriais e econômicas.

Diante do exposto, infere-se que a modernização do ELP se pautou na inserção de suas forças componentes na revolução informacional em vigor desde o final do século passado. Assim, o exército, a marinha, a força aérea, a força de foguetes e a força de apoio estratégico inovaram seus armamentos, equipamentos e doutrinas no que concerne ao incremento da informatização, da tecnologia da informação, do avanço da cibernética, da guerra eletrônica, da logística e do potencial bélico, o que fortaleceu o aparato militar do ELP como base dissuasória e expressão dos interesses políticos da RPC no cenário internacional.

Nesse aspecto, pode depreender-se que a moderna força de apoio estratégico do ELP tem como meta contribuir decisivamente no seu papel de prover a segurança regional e realizar a dissuasão da RPC na Ásia-Pacífico. O incremento da indústria cibernética voltada para fins militares visa à obtenção da capacidade da China de realizar a defesa ativa no ambiente informacional dentro do contexto de guerra assimétrica contra países igualmente dotados dessa tecnologia e, acima de tudo, contrapor-se aos EUA em face de seu maior poderio militar.

Da análise do papel das Forças Armadas da China no atual cenário de rivalidades na Ásia-Pacífico pode depreender-se, ainda, que o ELP funciona como valiosa ferramenta de execução da política externa do governo de Pequim. Como estratégia complementar à diplomacia junto às Organizações Internacionais, a postura assertiva da RPC em participar de forma mais efetiva em exercícios e operações militares, bem como a formação de acordos de cooperação no setor de defesa e as

ações de patrulhamento naval voltadas para a presença militar nas áreas de interesse na Ásia-Pacífico evidenciam a forte convicção chinesa de manter a hegemonia na região.

Por fim, constata-se que o Exército de Libertação Popular se apresenta como fonte de poder militar do Partido Comunista Chinês para a manutenção da hegemonia chinesa na Ásia-Pacífico. Nessa direção, as Forças Armadas da China colaboram para a garantia da assertividade dessa potência nas relações internacionais a fim de consolidar-se como protagonista no continente asiático.

REFERÊNCIA

ACIOLI, Luciana; PINTO, Eduardo, C.; CINTRA, Marcos Antonio, M. **A China na Nova Configuração Global: impactos políticos e econômicos**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: Brasília, 2011. 352p. ISBN 978-85-7811-119-9.

CENTRO DE ESTUDO E PESQUISA BRICS. **A modernização da China e a reação regional**. Rio de Janeiro, maio. 2011. Disponível em: <http://www.bricspolicycenter.org/publicacoes/a-modernizacao-militar-chinesa-e-a-reacao-regional/>. Acesso em 02 maio.2019.

China apresenta primeiro porta-aviões fabricado no país. **Revista Exame**, São Paulo, 16 abr. 2017.

Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/china-apresenta-primeiro-porta-avioes-fabricado-no-pais/>. Acesso em 02 jun. 2019.

CHINA reestrutura seu exército para torná-lo mais eficaz. **Defesanet**, Brasília, 04 jan. 2016. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/china/noticia/21216/China-reestrutura-seu-exercito-para-torna-lo-mais-eficaz/>. Acesso em: 21 mar. 2019.

CRANE, Keith. **Modernizando as Forças Armadas da China: Oportunidades e Restrições**. Santa Mônica: Rand Corporation, 2005. ISBN 0-8330-3698-X. Disponível em: <http://www.rand.org/>. Acesso em: 26 mar. 2019.

CUNHA, Luís. O Império da Periferia Marítima. **Revista Nação e Defesa**, Lisboa, nº 134, 5ª série, 2013. Disponível em: <https://www.idn.gov.pt/publicacoes/nacaodefesa/textointegral/NeD134.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Desenvolvimento do militarismo e da segurança envolvendo a República Popular da China 2016. **Relatório Anual do Congresso**. Disponível em: <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2016%20China%20Military%20Power%20Report.pdf>. Acesso em 27 abr. 2019.

DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Desenvolvimento do militarismo e da segurança envolvendo a República Popular da China 2018. **Relatório Anual do Congresso**. Disponível em: <https://media.defense.gov/2018/Aug/16/2001955282/-1/-1/1/2018-CHINA-MILITARY-POWER-REPORT.PDF>. Acesso em 04 jun. 2019.

DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Desenvolvimento do militarismo e da segurança envolvendo a República Popular da China 2019. **Relatório Anual do Congresso**. Disponível em: https://media.defense.gov/2019/May/02/2002127082/1/1/2019_china_military_power_report.pdf. Acesso em 02 jun. 2019.

EIRIZ, George, K. **A estratégia A2/AD chinesa e o jogo de poder no Mar do Sul da China**. 2017. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares) – Instituto Meira Mattos, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2017.

EXPANSÃO regional, ambição global. **Revista Atualidades**, São Paulo, p.54-55, ed. 26, 2.S, 2017.

FILHO, Paulo, R., S., G. Estratégia Militar da China para o Século XXI. **PADECEME**, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, v.10, n.19, p.13-24, fev. 2017. Disponível em: http://www.eceme.eb.mil.br/images/docs/PADECEME_v10_n19_Edicao_2017.pdf. Acesso em: 20 mar. 2019.

FUMOTO, Victor. **ELP: China celebra 90 anos do Exército da Libertação Popular**. São Paulo, 1 ago. 2017. Disponível em: <http://www.chinalinktrading.com/blog/china-celebra-90-anos-elp/>. Acesso em: 21 mar. 2019.

FUMOTO, Victor. **Mar do Sul da China: disputas políticas e a instalação de mísseis**. São Paulo, 22 maio. 2018. Disponível em: www.chinalinktrading.com/blog/mar-sul-da-china/. Acesso em: 16 mar. 2019.

GABINETE DE INFORMAÇÃO DO CONSELHO DE ESTADO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. Estratégia Militar da China. **Oriente Mídia**, Pequim, 26 maio. 2015. Disponível em: www.orientemidia.org/estrategia-militar-da-china/. Acesso em: 21 mar. 19.

GLOBALFIREPOWER. **Ranking de Força Militar 2019**. Disponível em: <https://www.globalfirepower.com/countries-listing.asp>. Acesso em: 05 jun. 2019

HARDY, James; RAHMAT, Ridzwan. Close to home: Relações navais da China na região Ásia-Pacífico. **Jane's Navy International**. Londres, v. 119, nº 10, p. 12, dez. 2014.

Instituto Espanhol de Estudos Estratégicos. **Ásia-Pacífico**. Disponível em: <http://www.ieee.es/en/regiones-geopoliticas/asia-pacifico/>. Acesso em 04 jun. 2019.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 432p. ISBN 978-85-390-0670-0.

_____. **Sobre a China**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 494 p. ISBN 978-85-390-0424-9.

LOBO, Carlos Eduardo, R. **A República Popular da China e a Trajetória de suas Forças Armadas**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.pucsp.br/geap/artigos/art3.PDF>. Acesso em: 18 mar. 2019.

MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. **ELP treina super soldados com armas futuristas.** Disponível em: <http://eng.mod.gov.cn/services/index.htm>. Acesso em 09 jan. 2019.

_____. **Serviços Militares.** Disponível em: <http://eng.mod.gov.cn/services/index.htm>. Acesso em: 22 mar. 2019.

MINNICK, Wendell. Análise: relatório dos EUA sobre a China não vai construir confiança. **Notícias de Defesa**, 13. maio. 2013. Disponível em: <https://www.defensenews.com/>. Acesso em 27 abr. 2019.

NURKIN, Tate. Competição e capacidade “WestPac”: a China busca seu próprio equilíbrio na Ásia-Pacífico? **Jane’s Navy International**. Londres, v. 119, nº 10, p. 30, dez. 2014.

PADILHA, Luiz. 1.700 aviões prontos para combate: tudo que você precisa saber sobre a Força Aérea chinesa. **Defesa Aérea e Naval**. Rio de Janeiro, 07 jan. 2018. Disponível em: <https://www.defesaaereanaval.com.br/geopolitica/1-700-avioes-prontos-para-combate-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-forca-aerea-chinesa>. Acesso em: 02 jun. 2019.

POLLPETER, Kevin. Escritos Chineses sobre Cyberwarfare e Coerção. **China e Ciber segurança. Espionagem, Estratégia e Política no domínio digital**. Nova Iorque: Imprensa da Universidade de Oxford, 2015.

TAUHATA, Sérgio. EUA e China estão à beira da guerra fria, diz Niall Ferguson. **Revista Valor Econômico**, São Paulo, 5 dez. 2018. Disponível em: <https://www.valor.com.br/financas/6012959/eua-e-china-estao-beira-da-guerra-fria-dizniall-ferguson>. Acesso em: 23 jan. 2019.

UMA potência ainda mais forte. **Revista Atualidades**, São Paulo, p.54, ed. 27, 1.S, 2018.

WONG, Lee. EUA fortalecem presença militar na Ásia-Pacífico. **Revista Verde-Oliva**, Brasília, 02 ago. 2012. Disponível em: www.eb.mil.br/web/centro-de-comunicacao-social-do-exercito/revista-verdeoliva?p_p_auth=80l3XK4h&p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_acti. Acesso em: 23 mar. 2019.

XINRUA. **Comentário: China combate com espírito da Longa Marcha o bullying comercial dos EUA.** Disponível em: http://portuguese.xinhuanet.com/2019-05/24/c_138086573.htm. Acesso em: 27 maio. 2019.

ZENG, Ye. Da guerra cibernética à cibersegurança na Ásia-Pacífico e além. **China e Ciber segurança. Espionagem, Estratégia e Política no domínio digital**. Nova Iorque: Imprensa da Universidade de Oxford, 2015.